**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIAS**

**CAMPUS CENTRO**

**LABORATÓRIO DE JORNALISMO IMPRESSO**

**THAYLISSA SOUZA JORGE**

**APONTAMENTOS SOBRE O LIVRO REPORTAGEM NO BRASIL E NO MUNDO**

**IMPERATRIZ**

**2015**

**THAYLISSA SOUZA JORGE**

**APONTAMENTOS SOBRE O LIVRO REPORTAGEM NO BRASIL E NO MUNDO**

Trabalho sobre a história do livro reportagem no Brasil e no mundo, análise da importância de determinadas obras e características das mesmas.

Professor orientador: Willian Castro

**IMPERATRIZ**

**2015**

**Livro Reportagem: Definição e conceitos**

Desde seus primórdios o jornalismo sempre buscou divulgar informações com o menor tempo possível de distância do acontecimento retratado. Com a industrialização, avanços tecnológicos e a chegada da era digital o tempo para produção da notícia foi diminuindo cada vez mais. Com isso, as matérias relatam o fato de maneira prática e objetiva, sem muitos detalhes.

Percebeu-se então a necessidade de um texto mais aprofundado sobre alguns temas. Esse texto preencheria as lacunas deixadas pelas matérias jornalísticas, fazendo, inclusive, uma ligação entre elas. É nesse contexto que surge o que chamamos de reportagem.

Reportagem é um texto jornalístico mais aprofundado sobre algum tema específico. Não apenas relatando um fato, mas tratando de causas, consequências, desdobramentos. No caso de personagens, dando características, histórias, detalhes. É mais extensa que a notícia e a linguagem tende a ser mais autoral.

As reportagens estão presentes nas revistas, jornais, telejornais, porém ainda assim, pelo pouco espaço ou tempo dentro desses meios, a reportagem não pode conter muitos detalhes, nem permite ao autor uma narrativa diferenciada. É, portanto, assim que livro reportagem ganha destaque dentro dessa forma de fazer jornalismo.

Edvaldo Pereira Lima trata sobre esse assunto em sua obra, Páginas Ampliadas e afirma que

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. Essa missão escapa muitas vezes ao jornalismo cotidiano e ganha cada vez mais guarida no livro-reportagem. (LIMA, 1995, p.68)

Segundo a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), um livro deve conter no mínimo 48 páginas, logo percebe-se que um livro reportagem permite ao autor uma reportagem mais extensa podendo ser mais elaborada, rica em detalhes e descrições.

Esse tipo de produção também é avaliada por alguns estudiosos como a junção perfeita entre o jornalismo e a literatura. O jornalismo fornecendo elementos como: pauta, redação e edição; e a literatura fornecendo a narrativa, a liberdade de composição, o mercado e o público (OLIVEIRA, 2006 apud LIMA, 1995).

Embora tenha traços da literatura, o livro reportagem tem traços próprios que o diferenciam das outras produções literárias. Pessa trata desse assunto e afirma que o livro reportagem resulta

“da simples compilação de reportagens já publicadas (coletânea) ou do trabalho feito para livro, mas concebido e realizado em termos jornalísticos. Ele se distingue dos demais tipos de livro por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função” (2009, p. 2).

**Características do Livro Reportagem**

O livro reportagem possui características próprias que o diferenciam das demais produções sejam jornalísticas, sejam literárias. Quanto ao jornalismo, seguindo a ordem produtiva, começamos pela pauta. Geralmente é o que chamamos de “pauta fria”, assuntos não urgentes, mas de relevância atemporal.

Além disso, o tema tratado deve “render”, ou seja, deve permitir que o jornalista se aprofunde na apuração, com pesquisa, entrevista, contatos, dentre outros. Alguns assuntos são tão rasos que não servem como pauta para essa produção. Atualidade é permitida desde que possa tornar-se história através do livro reportagem.

Quanto à captação percebemos um processo bem mais demorado. Para uma matéria comum, são necessárias algumas horas apenas. No caso do livro reportagem, são dias, meses e alguns até anos. Para construir a narrativa exigida de livro assim é necessário que o autor tenha coletado todos os detalhes possíveis (afinal trata-se de um livro construído tendo por base a realidade).

Além da apuração rotineira (pesquisa, entrevista, coleta de dados) é necessário, em muitos dos casos, que o autor tenha uma vivência, ou seja, dedique um pouco de seus dias a não apenas conhecer o local ou personagem da reportagem, mas seus hábitos, modos e características.

Em seguida temos a redação. O texto de um livro reportagem é bem mais detalhado, mostrando não só o fato de um ângulo fechado, mas de vários ângulos e formas diferentes somando a isto, antecedentes, efeitos, causas, consequências, personagens, até emoções cabem na narrativa.

O livro reportagem permite também um texto mais autoral, no qual o autor pode deixar suas marcas, opiniões e interpretações. Além disso, quem escreve não precisa seguir o modelo jornalístico em que o fato mais importante é seguido pelo menos chamativo, nem responder as seis perguntas essenciais no conhecido *lead*.

Por fim, temos a edição. Ao texto podem ser somadas fotografias, ilustrações, citações dos entrevistados ou de outros autores que se encaixem ao contexto do tema tratado. Por se tratar de um livro, a edição será responsável por dividir o texto em capítulos e por outros detalhes da composição de um livro.

Sobre a diferença dos livros puramente literários, podemos citar a construção ancorada totalmente na realidade, a linguagem jornalística (um equilíbrio entre o formal e coloquial) e a capacidade de informar, orientar e explicar.

**Histórico do Livro Reportagem pelo mundo**

Alguns estudiosos, como J. Sousa (2008), acreditam que o livro reportagem tenha surgido logo após a invenção da prensa, no século XVI. Eram anuários noticiosos, publicados semestralmente com as principais notícias referente ao período de 1587 a 1598. Ou seja, o livro reportagem teria surgido mesmo antes do próprio jornalismo como atividade. Depois disso muitos outros autores publicaram livros com características do livro reportagem, mas nada oficialmente.

Embora não se possa determinar com precisão se as primeiras publicações tratavam-se mesmo de livros reportagem podemos identificar alguns traços que permitiram sua produção em determinadas épocas. Percebemos também que a história desse tipo de livro está intimamente ligada à história da reportagem no geral.

Acredita-se que a reportagem, como conhecemos hoje, tenha começado no início do século XX nos Estados Unidos, em meados da Primeira Guerra Mundial. Foi quando os jornalistas se deram conta que a notícia sozinha era incapaz de informar de maneira expressiva sobre o acontecimento global.

Logo após seu uso na cobertura da guerra, a reportagem passa a ser adotada nas revistais semanais, tratando de diversos temas, e em por volta de 1960 surge inicialmente as “matérias frias” para logo depois vir à tona o *New Jornalism,* conhecido no Brasil como “Grande Reportagem”.

O *New Jornalism* se diferenciava pelos detalhes sobre o personagem ou assunto tratado, pela aproximação do autor e às vezes até participação dentro do relato, vivência do autor com o objeto de estudo, que proporcionava maior riqueza de informação, maior aproximação entre o escritor, o leitor e o tema da reportagem.

Um dos marcos da história do livro reportagem é a publicação em 1960 do livro de Truman Capote, A sangue frio, que trata da reconstituição de um crime de assassinato brutal de uma família no interior dos Estados Unidos. Tornou-se um clássico por ser considerada a primeira obra registrada do New Jornalism. Daremos mais detalhes sobre a obra adiante.

**No Brasil**

No Brasil, bem antes da chegada da reportagem já se sentia um estilo de produção surgindo que uniria jornalismo e literatura, como o livro reportagem faz. Quem deu origem a isso foi Euclides da Cunha, 1897, em seu relato da Guerra de Canudos. Em seu texto o autor descreve a realidade do que presenciou, materialmente, historicamente e até emocionalmente, mas para enriquecer seu texto faz uso de metáforas. A coletânea de seus textos seria publicada como livro: Os sertões, em 1902.

A reportagem, como gênero jornalístico, chega ao Brasil entre os anos 1950 e 1960, com a ascensão das revistas semanais, como a Realidade, por exemplo. Alguns jornais também se descaram pelo texto mais literário, característico do *New Jornalism,* como O Cruzeiro e o Jornal da Tarde.

Já os livros reportagens só ganham destaque a partir de 1970, com obras como A ilha de Fernando Morais. Em 1980, jornalistas começam a escrever sobre os anos de ditadura. Desde então livros reportagens são lançados sobre várias temáticas, porém ainda falta muito do que ser falado. Reconhecemos também que os estudos sobre os livros reportagens no Brasil, ainda estão em seu início, que ainda é necessário muito mais para que as futuras publicações sejam aprimoradas.

**Exemplos de Livros Reportagem**

A publicação de livros reportagem vem crescendo nos últimos anos. Alguns dos fatores que ocasionaram esse crescimento podem ser: a queda do custo da impressão, a possibilidade publicar em novas plataformas (e-books, por exemplo), o interesse do público (principalmente quando o livro retrata algo próximo à sua realidade ou o autor é alguém já conhecido na mídia) e também é um meio para os profissionais de jornalismo desenvolverem seu trabalho em um novo meio. (ROCHA; XAVIER, 2013).

O livro reportagem tornou-se tão importante que alguns viraram clássicos, deixando de ser apenas uma publicação jornalística para se tornarem livros históricos. Em virtude disso citamos logo abaixo três grandes clássicos, um americano, dois brasileiros.

**A Sangue Frio:** Escrito pelo americano Truman Capote, foi publicado em 1965, na revista The New Yorker, para isso teve que ser divido em quatro partes. A construção do livro começa quando Capote ler em um jornal a história de uma família que foi brutalmente assassinada e começa a buscar detalhes para compor sua narrativa. O autor passa a viver por quase um ano com os habitantes da cidade em que o crime aconteceu e a encontrar-se com os assassinos. Tudo isso para construir sua reportagem, marcada por minúcias e detalhes não do assassinato, mas da vida de todos os envolvidos e da cidade. O livro é um marco para o *New Jornalism* e por causa de sua repercussão foi adaptada para o cinema em 2005.

**Chatô, o rei do Brasil:** Trata-se de uma biografia escrita por Fernando Morais, lançada em 2000. A narrativa conta a história de vida de um dos maiores comunicadores do Brasil, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que embora fosse de origem pobre e em sua infância com problemas de gagueira tornou-se dono de uma grande rede de comunicação. A obra não tem importância apenas para os comunicadores, mas é um livro histórico também, já que pela grande influência Chatô influenciava até mesmo as decisões políticas do país.

**Rota 66: A história da polícia que mata:** É a obra mais conhecida do jornalista Caco Barcellos e foi lançada em 1992. O livro que é considerado um clássico do jornalismo literário brasileiro, trata de assassinatos de jovens de classe média da cidade de São Paulo cometidos por policiais militares. O autor parte do fato em que os polícias passam a deturpar informações para cobrirem os seus crimes, e passa a comparar suas alegações com um banco de dados do qual teve acesso. O autor descreve detalhes da vida das vítimas, embora não consiga fazer o mesmo em relação aos polícias. Rota 66 é considerada de extrema importância tanto para o jornalismo quanto para a comunidade dos grandes centros que continuamente tem que lidar com casos como o apresentado no livro.

**Análise do livro reportagem Dias de Luta: o Rock e o Brasil dos anos 80**

O livro Dias de Luta traz como temática o rock no Brasil em seus anos de maior destaque, os anos 80, e como a construção de qualquer livro reportagem traz detalhes como a sociedade da época se comportava, logo se trata também de um material informativo sobre a história do país.

A primeira edição foi lançada em 2002 e conquistou tanto jovens quanto veteranos apaixonados pelo estilo musical. Recebeu diversos elogios tanto da imprensa quanto dos grandes músicos, alguns inclusive retratados no próprio texto. Pouco mais de 10 anos depois, uma segunda edição foi lançada para manter o atualizado, um exemplo disso são informações sobre o fechamento de rádios ou mortes de artistas. Ou seja, a obra continua atual.

Um dos diferenciais do livro é sem dúvida como ele aborda o tema. Por se tratar de um livro reportagem talvez o leitor pudesse pensar que se trata de algo técnico para os especialistas, porém o próprio autor comenta que a linguagem da obra é exatamente de alguém que acompanhou aquela época de fora dos bastidores, de quem ouvia as músicas nas festinhas ou nos programas de televisão.

Entretanto, embora contenha uma linguagem jovial ou livro não perde aquilo que o caracteriza como livro reportagem: a construção com base uma apuração minuciosa. Toda a narrativa é construída tendo por base dados, entrevista com os envolvidos e a própria memória do autor sobre a época, tudo baseado na realidade.

Outra característica marcante é descrição arrebatadora que o autor faz. Trata-se de algo tão bem trabalhado que podemos sentir como se estivéssemos em determinado ambiente ou ouvindo determinada música. Somado a isso, o livro traz fotografias e legendas que compõem a informação como um todo.

A obra é divida em quatro partes que contam a história do Rock no Brasil de forma cronológica, são elas: Os primórdios, Pop perfeito, Big Business e a Ressaca. Todas essas partes são dividas em tópicos menores, não são exatamente capítulos, que ora tratam da história dos artistas, ora da música e em alguns momentos situam o leitor na realidade histórica da época não só Brasil, mas também no mundo.

Como já dito, a narrativa acontece de forma cronológica e exatamente isso que os tópicos propõem, iniciam com os primeiros roqueiros brasileiros (Lulu, Lobão e Ritchie) e terminam com o retrato do ano 1992, quatro anos antes do período em que o livro começou a ser escrito. Entre esses dois extremos, há outros fragmentos de títulos que chamam a atenção de quem lê, como trechos de músicas, frases muito usadas na época e outros.

Dias de Luta foi escrito por Ricardo Alexande, jornalista que após dois anos como repórter de cultura do jornal O Estado São Paulo, decidiu escrever algo que permanecesse por um pouco mais de tempo que o jornal diário, decidiu então escrever um livro reportagem.

Estava no supermercado como costumeiro, quando o alto-falante começa a transmitir “Como eu quero” do Kid Abelha e Ricardo Alexandre percebe que aos poucos caixa, empacotadores e clientes passam a cantarolar baixinho a letra do clássico dos anos 80 brasileiro. Foi então que como um insight o autor decidiu sobre o que escreveria. O Rock da década de 80.

A pesquisa para embasar o livro começou no ano de 1996, quando o autor tinha 23 anos, durou por seis anos, sendo concluída em 2002, quando o livro reportagem foi publicado. Depois de sua publicação, apesar de ter alcançado sucesso, o livro saiu de publicação por alguns anos, porém foi reeditado e lançado em 2013. Nesse período, conta o autor, sentiu vontade de reescrevê-lo inteiro por achar seu texto juvenil demais, agora nos quarenta e poucos.

**Referências**

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Unicamp, 1995.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história.** Brasília, UNB, 2006.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. São Paulo, Universidade Metodista, 2009.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo, 2008.